



A cura de ser quem somos: atravessar o horizonte na base das palavras

Um olhar sobre o movimento de slam poetry em São Paulo

Autora: Luiza Borba Chiesa

2º semestre de 2019

Introdução

Neste texto, pretendo levantar algumas reflexões sobre os processos complexos e não fixos com que slammers no atual movimento de *slam poetry* em São Paulo “curam” a si através da palavra, construindo suas subjetividades por meio de redes de ressignificação de i) territórios, ii) moralidades, iii) e da posição esperada para seus corpos pelo pensamento do outro-hegemônico, na construção de narrativas que desestabilizam a ordem das coisas e disputam espaços pela ampliação dos horizontes imaginados para corpos marginais e periféricos. Como, na poesia, cenário, atores e regras se articulam produzindo sentidos e demarcando relações de pertencimento e diferenciação que constroem subjetividades?

Recuperando bibliografias de i) antropologia urbana; ii) antropologia da performance; iii) marcadores sociais da diferença; iv) *slam poetry* e literatura marginal, a ideia destas linhas é fornecer material para o professor trabalhar o *slam poetry* em sala de aula, abrindo caminhos que possibilitem a aproximação do estudante de ensino médio ao fazer antropológico e etnográfico contemporâneo.

A cura de ser quem somos: atravessar o horizonte na base das palavras - *Um olhar sobre o movimento de slam poetry em São Paulo*

“Meu corre começou muito antes de junho. Tenho 27 anos, já tive 14, faz treze anos que tá tudo no meu nome água, luz, feijão, arroz, e telefone. É, nós tem telefone e não é roubado não, então anota aí policial, aproveita e salva como vida: 707070, se não chamar, tio, 60 e escuta, que aqui é espaço de fala mas também é um lugar de cura”

Com esses versos, Juliana Jesus, do Itaim Paulista, slammer e auxiliar de iluminação, termina um dos poemas que a fizeram ganhar a final do Slam SP de 2019, ocorrida entre os dias 8 e 10 de novembro no Sesc 24 de Maio, recebendo dos presentes um coro efusivo de “pow pow pow” e uma calorosa onda de gritos, aplausos, assobios, seguidos de notas dez (pontuação máxima) de cada um dos cinco jurados da batalha. O estado de euforia coletiva em reação à performance de Juliana era marcante por toda a área de convivência do Sesc, que contava com aproximadamente trezentas pessoas entre jurados, organizadores, slammers, audiência, um grupo variado de pessoas reunidas para ver quarenta e cinco das sessenta comunidades de slam existentes no estado de São Paulo disputarem, através de seus representantes, o campeonato estadual de poesia falada. Ketchup, organizador do Slam do Grito, puxa meu braço e exclama: “*ali ó! o pessoal ali ó tá com a mão na cabeça! todo mundo impressionado assim ó, passando a mão na cabeça*”. Ao fundo, Tawane Theodoro, outra slammer da disputa, também organizadora do Slam do Capão, grita “*Cê é louco, Juliana*”. Momentos depois, ao ganhar a final da batalha de poesia, tornando-se a representante de São Paulo na competição nacional, Juliana profere o seguinte discurso:

“Esse troféu, ele só vale se a poesia chegou. Eu não passei ano passado [*se referindo ao campeonato do ano anterior, em que fora eliminada na primeira rodada*] porque não tava em mim. Não era pra acontecer. Eu devo tá aqui hoje, eu devo a muitas pessoas mas eu vou citar em especial uma pessoa que tava do meu lado quando eu não tinha nada, que foi quando minha mãe foi embora, e eu não tinha nada, nem um arroz no prato, eu não tinha nada, que é o Rafael Oliveira, que ele tá ali ó. É um irmão que não veio do sangue mas que veio da vida e que um dia, se eu falo de ser paciente, é porque eu já tive doente de verdade, mano, mas aí eu me curei. Porque não adianta ter hospital pra caraio aqui ó em São Paulo inteiro e todo mundo tá doente. Nós tem que se curar, pra ser referência, pra curar outros, tá ligado? E eu me curei. Esse ano eu não morro.”

Que estado é esse em que a poesia “chega”? Que lugar é esse onde a poesia “cura”? Este ensaio pretende levantar algumas reflexões sobre os processos complexos e não fixos com que slammers no atual movimento de *slam poetry* em São Paulo “curam” a si através da palavra, construindo suas subjetividades por meio de redes de ressignificação de i) territórios, ii) moralidades, iii) e da posição esperada para seus corpos pelo pensamento do outro-hegemônico; busca-se fazê-lo articulando categorias como raça, gênero, sexualidade e classe na construção de narrativas que desestabilizam a ordem das coisas e disputam espaços pela ampliação dos horizontes imaginados para corpos marginais e periféricos.

No texto “A invisibilidade da experiência”, Joan W. Scott situa “experiência” no pensamento histórico, questionando a linha essencializante e permanente com que vários

autores cânones abordam certas premissas e categorias que, afinal, são históricas e socialmente situadas, tais como “classe”, “raça”, “gênero”, entendendo que a partir dessa fixação do que é mutável perde-se a apreensão dos processos através dos quais estas se constroem na subjetividade dos sujeitos. A partir disso, apresenta a literatura e a análise literária - não como substituição, mas como inter-relação que abra possibilidades - para “tentar compreender as operações dos processos discursivos complexos e mutáveis pelos quais identidades são afirmadas, resistidas ou acatadas” (SCOTT, p. 319).

Para a autora, “sujeitos são constituídos discursivamente e experiência é um acontecimento linguístico (não acontece fora de significados estabelecidos), mas nenhum deles está confinado a uma ordem fixa de significados” (p. 320). A linguagem seria “o campo no qual a história se constitui” (p. 320). Uma vez que nem sujeitos nem experiências estão confinados a uma ordem fixa de significados, proponho aqui lançar um olhar sobre o *slam poetry* como um local de construção de linguagem, que, sendo assim, é também um local de construção de sujeitos e de experiências através de fluxos de significados. Não cabe por ora esmiuçar como categorias específicas operam nas produções de corpos e linguagem e na construção de subjetividades, mas sim entender como o *slam poetry* tem se configurado como um local para os fluxos de auto-criação dos sujeitos periféricos.

O *slam poetry* é um movimento literário consideravelmente novo. Surgiu nos Estados Unidos na década de 1980, inserido numa ideia de *popularização da poesia* em contraposição aos espaços poéticos tradicionais frequentados de maneira hegemônica pela elite intelectual americana. De acordo com seus precursores, Marc Kelly Smith e Joe Kraynak, o *slam poetry* é uma batalha poética de *spoken word* (poesia falada) cuja forma baseia-se nos pilares: poesia, performance, competitividade, interatividade e comunidade (SMITH, KRAYNAK, 2009). As regras internacionais do *slam* são: cada batalha está dividida em três rodadas de poesia falada, que vão afunilando os competidores até obter um vencedor; as poesias devem ser autorais e ter duração de até três minutos, em que são julgadas performance e poesia por um grupo de cinco jurados tirados do próprio público no momento da competição, sendo que os poetas não podem fazer uso de recursos cênicos (cenário, figurino, outros) ou acompanhamento musical, e a maior e a menor nota dada pelos jurados para cada apresentação não são contabilizadas.

É trazido para o Brasil em 2008 por Roberta Estrela D’Alva, que funda, através do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos¹, na cidade de São Paulo, o primeiro campeonato de *slam*

poetry do Brasil: o ZAP! (Zona Autônoma da Palavra). Desde a fundação do ZAP!, a cena de *slams* se expandiu no país e atualmente ocupa um espaço notável e crescente no circuito literário nacional, travando relações cada vez mais estreitas com o poder público - conquistando destino de vagas em editais, projetos de fomento cultural -, e com o setor privado - aparições em propagandas de marcas, contratação de *slams* para casas culturais. Estima-se² que existam cerca de 160 campeonatos oficiais³ de *slam* no Brasil, sendo que sua maior concentração (60) está em São Paulo. Em São Paulo, o *slam* se estabeleceu, ao lado dos saraus, como um polo do movimento literário da poesia marginal e periférica.

Marcello Giovanni Pocaí Stella apresenta no artigo “A Batalha da Poesia...O *slam* da Guilhermina e os campeonatos de poesia falada em São Paulo” que o *slam* paulistano está no bojo de um cenário mais extenso da literatura brasileira constituído a partir das décadas de 1980 e 1990, que pode ser entendido em duas correntes: a da literatura marginal e a dos saraus periféricos. O autor aponta como estes movimentos envolvem-se “para a promoção de mudanças amplas em relação a identidade, geografia, dinâmica social e sensação de pertencimento de seus membros em relação ao seu entorno e em relação ao campo literário” (STELLA, 2014, p 3). A literatura marginal, os saraus periféricos e os campeonatos de *slam poetry* configuraram-se, então, como três eixos entrecruzados, revelando-se aos autores marginais e periféricos como locais de produção de sentidos, perspectivas e subjetivações. Érica Peçanha, no artigo “*Literatura Marginal*”: *os escritores da periferia entram em cena*, traz valiosas contribuições para a compreensão deste cenário literário e resgata que o termo literatura marginal:

(...) ganhou conotação de ação coletiva com o lançamento das edições especiais de literatura marginal da revista *Caros Amigos*. Intituladas ‘*Caros Amigos/Literatura Marginal: a cultura da periferia*’, as edições especiais foram publicadas em 2001, 2002 e 2004 e aglutinaram quarenta e oito autores. A partir de então a expressão ‘literatura marginal’ se disseminou, no cenário cultural contemporâneo, para caracterizar a produção cultural dos autores que vivenciam situações de marginalidade (social, editorial e política) e estão trazendo para o campo literário os termos, os temas e o linguajar igualmente ‘marginais’ (PEÇANHA, 2006, p. 55).

É crucial entender que literatura marginal surge mais do que como uma literatura produzida por quem está excluído social, econômica e literariamente: é aquela que se apropria dessa exclusão numa relação de oposição com o outro-hegemônico, articulando posições e diferenças sociais em negociações complexas e dinâmicas que procuram conferir - ou negar - a autoridade da enunciação. Nos *slams*, não é raro poesias que insiram a figura de um *outro* para com este construir um diálogo-confronto que posicione, no conflito, o *eu* performado.

Como é possível perceber em um poema de Patrícia Meira:

“Eu sou a vida interrompida daqueles que me antecederam/ Eu nunca contei com a sorte, então eu desconheço medo (...) Por isso não abaixo a cabeça, eu não chamo de sinhô (...) Se você não reconhece seus privilégios/ Respeite meu lugar de fala”.

A articulação de diferenças aparece como um fator importante na construção de identidade dos autores marginais, indicando a importância dos *entre-lugares* para a auto-subjetivação. Homi Bhabha, em seu livro “O local da cultura”, propõe uma discussão sobre a construção do sujeito colonizado e colonizador, tecida através da perspectiva da minoria. O autor analisa como as identidades ganham autoridade *performativamente* através do discurso, num processo contínuo de construção e reencenação para a invenção e posicionamento do eu. São narrativas moldadas pela força das inter-relações sociais que comportam no seu interior elementos de coesão, resistência, consonância e dissonância. Cada “lugar” seria, então, um conjunto de representações, não pré-estabelecido, mas performado nos *entre-lugares*. Os *entre-lugares* aparecem como espaço-tempos dinâmicos de embate cultural, que “fornecem o terreno para estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, p. 20). Mais do que marginal, é possível pensar a literatura que se faz atualmente no movimento de *slam poetry* em São Paulo como *marginalizante*. Entendendo “marginalidade” como não sendo algo fixo e preestabelecido, mas que se constrói no embate cultural. Essa literatura se revela como parte dos processos discursivos que situam performativamente as identidades marginais, influenciando positivamente na formação subjetiva desses sujeitos.

E a marginalidade no *slam poetry* paulistano atrela-se a uma dinâmica territorial. Muitos poemas trazem à tona a ideia de marginalidade junto a uma polarização entre *quebrada* e *centro*, em que a centralidade aparece como um local de privilégio, não raro um local inóspito aos sujeitos marginais. Como aborda Ferréz:

“Cansei de ouvir:

- Mas o que cês tão fazendo é separar a literatura, a do gueto e a do centro. E nunca canso de responder:

- O barato já tá separado há muito tempo, só que do lado de cá ninguém deu um gritão, ninguém chegou com a nossa parte, foi feito todo um mundo de teses e de estudos do lado de lá, e do cá mal terminamos o ensino dito básico” (FERRÉZ. 2005, p. 13).

Acompanhando *slams*, percebe-se que a cidade não é mera paisagem para estes atores. A relação destes com os territórios da cidade constrói significados. É possível perceber, por exemplo, como muitas vezes o próprio nome e hino do *slam* já estão simbolicamente conectados com onde este acontece. O *Slam do Grito*, próximo à região do Ipiranga, dialoga diretamente com a memória histórica da região e o processo de independência do Brasil. Seu hino é: “Se for para o bem do *slam* digam a todos que GRITO!”. O *Slam da Guilhermina* acontece nas imediações do terminal Guilhermina-Esperança e seu hino é: “GuilherMANOS, GuilherMINAS”. Ainda, o *Slam do Treze*, nas imediações do terminal Largo Treze, traz como hino: “se o poeta é louco a poesia é TREZE!”.

Os campeonatos são realizados majoritariamente em vias públicas, como praças (*Slam do Corre*, *Slam Resistência*); próximos a estações de metrô ou terminais rodoviários (*Slam da Guilhermina*, *Slam do Treze*); em equipamentos educacionais/culturais como Sesc’s e CEU’s (*Rachão Poético*); sendo que alguns ainda têm sede em bares (*Slam do Grito*) e são/estão itinerantes (*ZAP Slam*, *Slam das Minas*). Revela-se, então, que a escolha do local é também uma escolha pela ocupação de um espaço, fazer-se visível (ou audível) a um público que extrapole quem está diretamente envolvido com a sua realização (organizadores, *slammers*, jurados, frequentadores).

Espalhados pela cidade, os poetas que se empenham em frequentar esses espaços normalmente acabam não se atendo apenas a um *slam*, mas tentando circular ao máximo entre os *slams*. Não é difícil perceber que os *slams* acabam contando com um certo grupo fixo de *slammers*, o que é uma forma de cada um potencializar o caminho de suas vozes – a mensagem que têm para passar –, que é também uma forma de reconhecer e fortalecer a cultura destes espaços; ou ainda de aumentarem as chances de concorrer a uma vaga na final. Podemos mesmo falar em um *circuito* de *slams*, entendendo, como circunscreve Guilherme Cantor Magnani, que circuito caracteriza-se por unir “estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinados serviços, porém não contíguos na paisagem urbana” (MAGNANI, 2000. p 32), que os sujeitos (organizadores, frequentadores, *slammers*) organizam-se para manter.

Além disso, vivemos em uma cidade de grandes dimensões espaciais, fator que torna relevante considerar o acesso e a locomoção, e como o movimento dos *slammers* pelos espaços da cidade também cria sentidos a essa experiência. Proponho entender, então, a ida a um campeonato de *slam poetry* como um *trajeto* que, muitas vezes, constrói aberturas, afirma o direito à cidade das figuras periféricas, faz a pessoa sair de seu *pedaço* e ocupar um lugar muitas

vezes antes desconhecido a si, porém seguro a partir do momento em que se inicia o espaço comum do *slam* :

A ideia de *trajeto* permite pensar tanto uma possibilidade de escolhas no interior das *manchas* como a abertura dessas *manchas e pedaços* em direção a outros pontos de espaço urbano e, por consequência, a outras lógicas (...) A noção de trajeto abre o espaço para fora, para o espaço e âmbito do público (MAGNANI, 1992, p. 199)

Pensar os *slams* através dessas noções de cidade é interessante porque conforme os sujeitos intervêm na malha urbana que também é atuante, eles acabam por ampliar os horizontes imaginados para si, ressignificando territórios, moralidades e seus corpos, instaurando novas dinâmicas nas redes de relações. O que era lugar de passagem, agora vira agora, palco, plateia, roda de compartilhamento de palavras, competição. O bar, a praça passam a ter nova paisagem sonora, novas formas de relação que marcam o lugar e o negociam com os demais frequentadores. E nesse sentido, talvez seja também possível dizer que o *slam* “cria” um pedaço:

se o uso da categoria *pedaço* (...) ainda fazia referência à moradia e vizinhança, na pesquisa que se seguiu, especificamente sobre formas de lazer em determinadas regiões centrais, tal conotação desaparece: as unidades de análise eram, agora, definidas exclusivamente em função de práticas de lazer e encontro. (...) A diferença com a ideia do *pedaço* tradicional é que aqui os frequentadores não necessariamente se conhecem – ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro –, mas sim se *reconhecem* enquanto portadores dos mesmos símbolos (...). Está-se entre iguais, nesses lugares: o território é claramente delimitado por marcas exclusivas. O componente espacial do *pedaço*, ainda que inserido num equipamento de amplo acesso, não comporta ambiguidades porque está impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação característica (MAGNANI, 1992, p 195-196).

Ainda além, o *slam* forma comunidades. Não esquecendo de seu formato competitivo, a ideia de que *slam é formação de comunidade* é acionada constantemente em diversas falas, poesias e práticas. Retomando o discurso proferido por Juliana Jesus ao ganhar a final do Slam SP de 2019, tornando-se a representante de São Paulo na competição nacional de poesia falada, Rafael Oliveira, citado pela campeã como “a pessoa que tava lá quando eu não tinha nada”, é também um *slammer* integrante do movimento. Tawane Theodoro, em uma de suas poesias diz que “é simples/ falou no mic, sustenta”. A importância dada às ações cotidianas de construção

dessa comunidade não é dispensável e ultrapassa o momento e o local da batalha. São parcerias; trocas de livros, camisetas, brincos, *bottoms*; recomendações de trabalhos, gerando fontes de renda para quem *tá no corre*; variadas situações operando em torno, durante e dentro das batalhas. Tawane continua em sua poesia “tem que entender todo o movimento/ é sobre o menor tá te olhando e falar/ e aê tia, como é que eu faço pra também tá rimando?”, em outra poesia, a mesma autora fala “é que poesia marginal é mais que texto com palavras bonitas pra gente rica fazer reflexão, isso aqui é papo de salvação (...) eu quero as mana preta me olhando e falando ‘por causa da sua poesia, a minha auto estima tá crescendo’”. A própria ideia de empoderamento não é entendida como uma trajetória individual, mas coletiva e que só faz sentido quando compartilhada. Jéssica Campos, slammer e também organizadora do Slam do Capão, na entrevista “Mulheres no Slam”⁴ para a Medium diz:

“o empoderamento ele vai nascendo e vai crescendo e a gente não costuma sentir quando ele começa, ele só acontece, né, e você só percebe que acontece quando alguém chega em você e fala assim: mano, depois que eu vi você recitando a minha vida mudou (...) você me inspirou, aí você entende que você começou a ser inspiração para outras pessoas e eu acho que pra mim só fez sentido essa ideia do empoderamento quando alguém falou assim puts, cê me inspirou (...)”

O *empoderamento* é um processo que se faz dentro das relações, que só se concretiza quando chega ao outro que não eu. O ciclo esperado da *cura* de si é retornar isso a sua comunidade, curando outros, sendo referência, na base das palavras, que são mais que texto. Mel Duarte, organizadora do Slam das Minas SP, publicou no dia 08 de julho de 2020 em seu perfil no Instagram sob a legenda “sobre palavras e cura” o seguinte texto: “escrevo pra sobreviver/ e sobrevivendo eu luto/ escrevo se adoço/ e escrevendo me curo”.

Neste contexto, será que é fato pontual serem as mulheres negras que têm tomado a linha de frente do movimento de *slam poetry* em São Paulo? Na final do Slam SP de 2019, dos seis competidores, quatro eram mulheres negras. O protagonismo das mulheres, e, sobretudo, mulheres negras nos *slams* paulistanos, é algo que vem chamando atenção. Não necessariamente elas são maioria numérica, pelo contrário, em geral o *slam* é um lugar de predominância masculina, mas são elas, as palavras delas, que têm dado o eixo do movimento, ganhando as competições, e também, talvez não seja descabido dizer, sustentando a complexa rede de relações e subjetivações em jogo.

Sueli Carneiro, em seu artigo “Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro” já aponta o papel fundamental das mulheres negras para o reposicionamento de perspectivas na luta feminista e antirracista, e o quanto os efeitos brutais do racismo e do

sexismo impulsionam nestas mulheres reações tão ou mais contundentes, “capazes de recobrir todas as perdas já postas na relação de dominação” (p. 287), ultrapassando as barreiras da exclusão. Milena Mateuzi, em seu texto “Tecendo redes de cuidado: gênero e violência nas periferias de São Paulo”, analisa a generificação das relações no interior das famílias e na vida pública diante da violência nas periferias de São Paulo, apontando como as tarefas da luta e do cuidado estão profundamente entrelaçadas no cotidiano e recaem sobre as mulheres. A autora expõe como o cuidado “não se restringe ao espaço doméstico, mas o extrapola, se constituindo também em gramática que organiza luta e resistência” (p. 8). Com isso, pontua que:

Através do cuidado, as mulheres experimentam a sobrecarga que produz esgotamento e adoecimento. No entanto, é também cuidando que elas se refazem a si mesmas e reabitam mundos depois de perdas e sofrimentos. Assim, estariam mitigando os efeitos dessas violências tanto no âmbito familiar, como no comunitário uma vez que tecem redes envolvendo vizinhança, ativismo e o próprio Estado (CARMO, 2019, p. 2).

No *slam poetry* em São Paulo, o protagonismo das mulheres negras aponta para o papel fundamental que estas têm no agenciamento afetivo das redes de relações que atuam na autoelaboração dos sujeitos, curando a si e as suas comunidades de origem na re-ocupação e na re-narração da violência. Ainda, numa relação dialética entre afetar e ser afetado, é quando a poesia *chega* que estas podem fazer a poesia *chegar*, criando e atingindo novos espaços numa perspectiva territorial e subjetiva -; atravessando “o horizonte na base das palavras” versos de Juliana Jesus, que segue o poema dizendo o quanto essa superação de fronteiras pela poesia por si só representa também um *alívio*, “depois de tantos irmãos que atravessaram essa porra na base da bala”-; extrapolando, com isso, os limites imaginados pelo outro-hegemônico para seus corpos marginais e periféricos.

O presente texto poderia apresentar e explorar a genialidade da relação entre a forma desafiadora com que as mulheres no *slam* enfrentam suas dores e articulam suas vozes e a figura mítica de Antígona, não tivesse o próprio campo já feito isso. Em 2013, Roberta Estrela D’Alva - fundadora do *slam* no Brasil - participou pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos da construção e encenação de uma peça de nome “*Antígona Recortada*”, que, em linhas gerais, tratava de “trazer para a cena atual, mais precisamente para a periferia de uma grande cidade do mundo, o mito de Antígona (...) utilizando o recurso do *spoken word* (poesia falada) como elemento motriz da encenação”⁵. Veena Das reflete sobre as complexas transações entre corpo

e linguagem com que mulheres tomam papel criativo na cotidiana tarefa de re-ocupação dos processos de violência e signos de violação pela re-habitação da vida. Pretendi com essas linhas trazer algumas contribuições para pensar como a poesia falada no movimento de *slam poetry* em São Paulo presentifica estas transações e tem propiciado a reconstrução de contextos produzindo novas narrativas desestabilizadoras que atuam na auto construção dos sujeitos marginais e periféricos e disputam territórios pela ampliação dos horizontes imaginados a estes.

Este texto não tem a intenção de concluir, mas antes abrir caminhos possíveis tanto para o diálogo em sala de aula quanto para o universo de pesquisa acadêmica. O *slam poetry* é um espaço consideravelmente novo de performance poética. Articular estas bibliografias abre campo para vislumbrar que o *slam poetry* une periferias, em práticas que compõem e integram através da palavra as subjetividades *marginais*, que estabelecem seus lugares no confronto com o outro-hegemônico, discursiva e espacialmente na cidade. A partir disso, é possível lançar olhares sobre como se constroem atualmente os processos de subjetivação de seus atores e a legitimação do movimento de *slam poetry* na literatura e na cidade de São Paulo.

Percebendo a relação cada vez mais interligada entre este movimento literário e escolas de ensino médio e cursinhos populares, em que se destaca desde 2014 a pioneira realização de campeonatos interescolares pelo Coletivo Slam da Guilhermina no estado de São Paulo, e as cada vez mais frequentes parcerias das comunidades de *slam* e educadores, seja em projetos pedagógicos, rodas de conversa, mesas, palestras, entre outros; trazer essa temática para sala de aula pode se apresentar como uma forma interessante de experimentar o fazer antropológico e etnográfico não através de temas exógenos aos estudantes, mas através daquilo que os afeta (SAADA, Jean Favret). Pode-se, desta forma, introduzir o fazer científico não com uma pretensa suposição de neutralidade objetiva, mas reconhecendo a sensibilidade necessária ao conhecimento. Nas palavras de Guilherme Cantor Magnani: “(...) é preciso situar o foco nem tão de perto que se confunda com a perspectiva particularista de cada usuário e nem tão de longe a ponto de distinguir um recorte abrangente, mas indecifrável e desprovido de sentido” (MAGNANI, 2000, p. 20).

Notas:

¹: Núcleo de produção artística que firma sua identidade numa interação fluida e contínua entre poesia, teatro e hip hop.

²: Reportagem “Vejam o campeonato brasileiro de slam”:
https://globoplay.globo.com/v/7257794/?fbclid=IwAR1HQnyxaqGq8QbFuzIsVsIb3zv6BqclR3H1qzDVFYYIyF3oL9H4bI0m3_E

³: Para entrar para o circuito oficial é preciso que o *slam* em questão tenha promovido pelo menos doze edições do slam em questão nas normas internacionais.

⁴: Reportagem “Mulheres no Slam, protestos que ultrapassam 180 segundos”:
<https://medium.com/@laboratoriodejornalismo2019/mulheres-no-slam-protestos-que-ultrapasam-os-180-segundos-b02ed18d815a>

⁵: Reportagem “Antígona Recortada do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos”:
<https://arteview.com.br/antigona-recortada-do-nucleo-bartolomeu-de-depoimentos/>

Bibliografia

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BENEVENUTO, Silvana José. A escrita como arma: uma análise do pensamento social na literatura marginal. 2010. 116 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/88760>>.

CARMO, Milena Mateuzi. Tecendo redes de cuidado: gênero e violência nas periferias de São Paulo in: Reunião Equatorial de Antropologia, VI, 2019, Salvador-BA.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, 17 (49). 2003, p. 117-133. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/994> 8

D'ALVA, Roberta Estrela. Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DAS, Veena. “Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos”. RBCS, v. 14, n. 40, jun. 1999. <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v14n40/1706.pdf>

DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. Cad. Pagu [online]. 2011, n.37, pp. 9-41. <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n37/a02n37.pdf>

DUARTE, Mel. *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. Organização: Mel Duarte. Ilustrações: Lela Brandão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

FELTRAN, Gabriel de Santis. A categoria como intervalo – a diferença entre essência e desconstrução. Cad. Pagu, Campinas, n. 51, e175105, 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332017000300306&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 mar. 2020. Epub 08-Jan-2018. <https://doi.org/10.1590/18094449201700510005>.

FERREZ(Org.). Literatura marginal: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

MAGNANI, J.G. Cantor. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, 1992, v. 35, p 191-203.

_____. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, Hucitec, 1998.

_____. O circuito: proposta de delimitação da categoria. In: Revista PontoUrbe, n. 15, 2014.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Anpocs, vol. 17, n. 49, 2002.

_____. A etnografia como prática e experiência. 2000.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. “*Literatura Marginal*”: os escritores da periferia entram em cena. In: Teses, Universidade de São Paulo, 2006.

NEVES, C. A. B. (2017). Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. *Linha D'Água*, 30 (2), 92-112.

PEREIRA, Alvaro Luis dos Santos. Reflexões sobre o fenômeno da “centralidade” a partir do quadro teórico da “Antropologia da Cidade”. In: Revista PontoUrbe, n.11, 2012. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1075>.

SCOTT, Joan. “A Invisibilidade da Experiência”. In: Proj.História, São Paulo (16), fev. 1998, pp.297-325

SMITH, Marc Kelly; KRAYNAK, Joe. Take the Mic: The Art of Performance Poetry, Slam and the Spoken Word. Naperville, IL: Sourcebooks Media Fusion, 2009.